ISBN: 9786588884546

TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA: A ABORDAGEM DE ENFERMAGEM A CRIANÇAS NA ATENÇÃO HOSPITALAR

AMANDA FONSECA DA SILVA; ANA LÚCIA NAVES; BEATRIZ TEIXEIRA DA SILVA GOMES; LETÍCIA JÚLIA NASCIMENTO ROCHA

RESUMO

Este estudo analisa a assistência de enfermagem a crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA) em ambiente hospitalar, destacando a relevância crescente do tema devido ao aumento da prevalência do TEA e aos desafios específicos que ele apresenta. O objetivo geral é analisar como a sistematização da assistência de enfermagem é descrita na literatura no contexto do atendimento a crianças com TEA hospitalizadas. A metodologia envolveu uma revisão de literatura narrativa, com buscas em bases de dados eletrônicas como SciELO, Google Acadêmico, e BVS, incluindo estudos publicados nos últimos 10 anos que abordassem a prática de enfermagem com crianças com TEA durante a hospitalização e o manejo do cuidado. Os principais resultados mostram que os profissionais de enfermagem enfrentam várias dificuldades ao cuidar de crianças com TEA no ambiente hospitalar, incluindo insegurança, falta de conhecimento específico e treinamento inadequado. Destaca-se a dependência significativa das famílias para mediar o cuidado e a escassa abordagem do tema TEA na formação acadêmica. As estratégias de manejo do cuidado incluem a capacitação contínua, a educação dos profissionais de saúde sobre o TEA e a utilização de cartilhas e diretrizes específicas, ressaltando a importância da presença e do apoio familiar para reduzir o estresse e a ansiedade das crianças durante a hospitalização. O estudo conclui que, embora existam desafios significativos no cuidado de crianças com TEA durante a hospitalização, estratégias bem definidas e a capacitação adequada dos profissionais de enfermagem podem melhorar significativamente a qualidade do atendimento. A colaboração entre profissionais de saúde e famílias é fundamental para proporcionar um cuidado integral e humanizado a essas crianças.

Palavras-chave: Autismo; Desafios; Cuidado de enfermagem;

1 INTRODUÇÃO

De acordo com o Ministério da Saúde, quando tratamos de crianças que possuem algum grau de atraso no desenvolvimento em geral, da linguagem, ou transtornos com etiologia diversa e diferentes graus de severidade, a exemplo do Transtorno do Espectro Autista (TEA), a hospitalização pode ser ainda mais desafiadora. Mesmo que sua manifestação seja em diferentes graus e formas, alterações nos domínios da fala, comunicação, interação social e comportamentais são comuns (Brasil, 2014).

O TEA tem origem nos primeiros anos de vida, mas sua trajetória inicial não é uniforme. Em algumas crianças os sintomas são aparentes logo após o nascimento. Na maioria dos casos, no entanto, os sintomas do TEA só são consistentemente identificados entre os 12 e 24 meses de idade. Nos últimos anos, as estimativas da prevalência do autismo têm aumentado drasticamente. Nos Estados Unidos da América, por exemplo, de 1 para cada 150 crianças de 8 anos em 2000 e 2002, a prevalência do TEA aumentou para 1 para cada 68 crianças em 2010 e 2012, chegando à prevalência de 1 para cada 58 em 2014, mais que duplicando o número de casos durante esse período (Araújo *et al.,* 2019).

DOI: 10.51189/iv-ensipex/47867

ISBN: 9786588884546

Ainda, de acordo com os últimos dados emitidos pelo *Centers of Disease Control and Prevention*, órgão estadunidense responsável pelo controle e prevenção de doenças, cerca de 1 a cada 36 crianças em um grupo de 8 a 11 anos de idade são autistas, conforme pesquisa realizada em 2020 (Maenner *et al.,* 2023).

Abordar a criança autista exige do profissional de saúde o desenvolvimento de habilidades, conhecimento e estratégias de cuidado individualizado. Desta forma, o manejo e as ações devem ser planeados e ajustados indo ao encontro do grau do transtorno, que requer desde uma intervenção farmacológica à atenção multiprofissional centrada na integralidade da pessoa (Hopf; Madren; Santianni, 2016).

Desta forma, mediante à necessidade de um olhar cuidadoso, desprovido de preconceitos, atento às necessidades do paciente e ao seu sofrimento e dificuldade, tem-se por objeto de estudo a abordagem dos profissionais de enfermagem de crianças com TEA e seu manejo do cuidado relacionado a esses transtornos no período de hospitalização.

O objeto de estudo emergiu das seguintes questões problematizadoras:

Que dificuldades a equipe de enfermagem enfrenta na abordagem da criança com TEA no período de hospitalização?

De que forma a enfermagem maneja o cuidado das crianças com TEA no período de hospitalização?

2 MATERIAL E MÉTODOS

A busca de literatura foi realizada em bases de dados eletrônicas reconhecidas, incluindo SciELO, Google Acadêmico e BVS.

Utilizou-se uma combinação de termos de busca em português e inglês para assegurar a abrangência da pesquisa, tais como "autismo", “desafio” "cuidados de enfermagem". A pesquisa foi limitada a estudos publicados nos últimos 10 anos para garantir a atualidade dos dados e relevância das práticas analisadas.

Para a seleção dos estudos, foram definidos critérios específicos de inclusão e exclusão. Foram incluídos artigos publicados em periódicos revisados por pares, estudos que abordassem a prática de enfermagem com crianças com TEA durante a hospitalização, pesquisas que descrevessem o manejo do cuidado em crianças com TEA, publicações em português e inglês, e estudos realizados com crianças de 0 a 12 anos. Foram excluídos artigos não disponíveis em texto completo, estudos que não abordassem diretamente o cuidado de enfermagem em crianças com TEA, e publicações anteriores a 2014.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Souza *et al*. (2024), apontam que o desafio vivido pela enfermagem na assistência a crianças atípicas no ambiente intra-hospitalar, se dá na necessidade de uma adequação do cuidado de acordo com as características do paciente, sobretudo quando relacionado aos aspectos da socialização da criança, seu aspecto cognitivo e emocional.

Soeltl, Fernandes e Camillo (2020), em seu estudo realizado com dez profissionais de enfermagem, constaram que os mesmos compreendem que a criança com Transtorno do Espectro Autista precisa de um cuidado adequado e individualizado, mas quando aplicado a prática, sentem insegurança. Ao serem questionados sobre as razões dessa insegurança, predominou a falta de conhecimento sobre o autismo, a falta de instrução pela instituição e pela academia.

Conforme Souza *et al*. (2024) aponta, o desafio vivido pela enfermagem na assistência a crianças atípicas no ambiente intra-hospitalar, se dá na necessidade de uma adequação do cuidado de acordo com as características do paciente, sobretudo quando relacionado aos aspectos da socialização da criança, seu aspecto cognitivo e emocional.

Para Elesbão e Mello (2023), ao buscar estabelecer vínculo com as crianças autistas no

DOI: 10.51189/iv-ensipex/47867

ISBN: 9786588884546

ambiente hospitalar, faz-se necessário a adoção de formas de comunicação adequada, por vezes não verbal, através de escalas e figuras para explicar os procedimentos, visando aumentar a sensação de segurança da criança e compreendê-la melhor. As autoras reafirmam que um ambiente adequado precisa ser mantido, considerando-se as características sensoriais das crianças

Segundo Alexandre *et al*. (2021) desenvolvimento de estratégias para o cuidado é fundamental para promover maior tranquilidade para a criança e evitar prejuízos psicológicos, utilizando-se de leitura, atividades lúdicas e de brinquedos terapêuticos, visando reproduzir atividades do dia a dia da criança.

Para Barros *et al.* (2024), o enfermeiro precisa, junto à família, identificar e reconhecer as características do paciente, para assim desenvolver um plano de cuidado sistematizado a fim de estimular potencialidades e o desenvolvimento das áreas deficitárias, com foco em fortalecer o autocuidado, importante teoria de Dorothea Orem, em que o paciente se torna capaz de adotar hábitos e atitudes para benefício da sua saúde. O enfermeiro pode adotar estratégias que estimulem o autocuidado, como o desenvolvimento de cronogramas junto a família, tabelas visuais com explicação das etapas de higiene e desenhos demonstrativos. Os autores ainda dissertam que o enfermeiro pode colaborar com a elaboração de meios para que a nutrição do paciente com seletividade alimentar não sofra prejuízos, entre eles, o conhecimento do padrão alimentar da criança em casa para saber suas preferências e aversões, o trabalho multidisciplinar com outras categorias.

4 CONCLUSÃO

Os resultados mostram que os profissionais de enfermagem enfrentam várias dificuldades ao cuidar de crianças com TEA no ambiente hospitalar. Muitos enfermeiros relatam sentir-se inseguros e despreparados, principalmente devido à falta de conhecimento específico e treinamento adequado. Esses profissionais também mencionam a dependência significativa das famílias para mediar o cuidado. Além disso, a escassez de abordagem sobre o TEA na formação acadêmica contribui para essa sensação de insegurança.

Outro ponto destacado é a baixa capacitação dos enfermeiros em relação ao manejo do TEA. Poucos materiais de referência são produzidos especificamente por estes, o que evidencia uma fragilidade no conhecimento da equipe de enfermagem sobre o espectro autista. A participação do enfermeiro na assistência ao TEA ainda é deficiente, pois muitos profissionais não se sentem capacitados para lidar com essas crianças.

A comunicação é um dos maiores desafios no atendimento a crianças com TEA, muitas das quais podem ter dificuldades na comunicação verbal. Para abordar esse desafio, a utilização de equipamentos de comunicação não verbais, como figuras, desenhos e demonstrações, pode ser extremamente eficaz. Esses recursos visuais ajudam a criança a compreender o que está acontecendo ao seu redor e a expressar suas necessidades e emoções de forma mais clara. Ferramentas como cartões de comunicação e quadros de rotina visual podem ser integrados ao atendimento diário.

A implementação dessas ferramentas de comunicação não verbais requer que a equipe de enfermagem esteja bem treinada em seu uso. É importante que os profissionais saibam como adaptar esses recursos às necessidades individuais de cada criança, tornando a comunicação mais intuitiva e menos frustrante para o paciente. Treinamentos específicos sobre o uso dessas ferramentas podem ser realizados periodicamente, assegurando que todos os membros da equipe estejam aptos a utilizá-las de maneira eficaz.

Além das ferramentas de comunicação, é fundamental criar um ambiente hospitalar que seja sensorialmente amigável para crianças com TEA. Muitas dessas crianças são sensíveis a estímulos sensoriais, como luzes brilhantes e ruídos altos. Adotar medidas simples, como reduzir a iluminação fluorescente, minimizar os ruídos ambientais e proporcionar um espaço

DOI: 10.51189/iv-ensipex/47867

ISBN: 9786588884546

calmo e organizado, pode fazer uma grande diferença na experiência hospitalar da criança. Quartos com decorações suaves e cores neutras também podem contribuir para um ambiente mais tranquilo e acolhedor.

A colaboração com os pais e cuidadores é igualmente essencial no atendimento humanizado a crianças com TEA. Os pais são fontes valiosas de informação sobre as preferências e aversões sensoriais de seus filhos, bem como sobre as estratégias que funcionam melhor para acalmá-los e confortá-los. Envolver os pais no planejamento e execução do cuidado pode melhorar significativamente os resultados do atendimento, além de proporcionar uma sensação de segurança e apoio tanto para a criança quanto para a família.

Finalmente, a criação de espaços específicos para brincadeiras e atividades lúdicas pode ser altamente benéfica. As crianças com TEA, como todas as crianças, necessitam de momentos de diversão e relaxamento. Espaços de recreação equipados com brinquedos sensoriais, jogos educativos e atividades manuais podem proporcionar um alívio do ambiente hospitalar estressante, ajudando a promover o bem-estar emocional e físico das crianças.

REFERÊNCIAS

ALEXANDRE, A. R.; FERREIRA, M. C.; FREITAS, J. M. R.; GUEDES, C. P.; CAMARGO, C. A. C. M.; CAMARGO, M. A. F. Reflective bibliographic review: the psychic suffering of the hospitalized child. **Res. Soc. And Development**, v. 10, n. 3, 2021. DOI: http://dx.doi.org/10.33448/rsd-v10i3.13499. Disponível em: https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/13499/12040. Acesso em: 02 mar. 2024.

ARAUJO, C. M.; NASCIMENTO, J. S.; DUTRA, W. L.; BARBOSA, J. S. P.; LIMA, R. M. O papel do enfermeiro na assistência à criança autista**. Rev. Bras. Interdisciplinar de Saúde**, v. 1, n. 3, p. 31-35, 2019. Disponível em: https://revista.rebis.com.br/index.php/revistarebis/article/view/32/31. Acesso em: 15 mar. 2024.

BARROS, J.; ALVES, H. A **importância dos cuidados de enfermagem holísticos à pessoa em idade pediátrica hospitalizada com perturbação do espectro do autismo**. Editora Científica Digital eBooks, p. 8–26, 1 jan. 2024. Disponível em: https://www.editoracientifica.com.br/books/chapter/a-importancia-dos-cuidados-de- enfermagem-holisticos-a-pessoa-em-idade-pediatrica-hospitalizada-com-perturbacao-do- espectro-do-autismo. Acesso em: 25 jul 2024.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. **Diretrizes de Atenção à Reabilitação da Pessoa com Transtornos do Espectro do Autismo (TEA).** Brasília: Ministério da Saúde, 2014. 86 p. Disponível em: https://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/diretrizes_atencao_reabilitacao_pessoa_autismo. pdf. Acesso em: 15 mar. 2024.

ELESBÃO, A. S.; MELLO, C. A. P. D. Assistência do Enfermeiro à Criança no Transtorno do Espectro Autista. **repositorio.ufms.br**, 2023. Disponível em: https://repositorio.ufms.br/handle/123456789/7377. Acesso em: 22 de abr. 2024.

HOPF, K. P.; MADREN, E.; SANTIANNI, K. A. Use and Perceived Effectiveness of Complementary and Alternative Medicine to Treat and Manage the Symptoms of Autism in Children: A Survey of Parents in a Community Population. **J. Altern. Complement. Med**., v.

ISBN: 9786588884546

1, n. 22, p. 25-32, jan. 2016. DOI: https://doi.org/10.1089%2Facm.2015.0163. Disponível em: https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC4739350/. Acesso em: 19 mar. 2024.

MAENNER, M. J.; WARREN, Z.; WILLIAMS, A. R.; AMOAKOHENE, E.; BAKIAN, A. V.; BILDER, D. A.; DURKIN, M. S.; FITZGERALD, M. T.; FURNIER, S. M.; HUGHES, M. M.; LADD-ACOSTA, M. M.; MCARTHUR, D.; PAS, E. T.; SALINAS, A.; VEHORN, A.; WILLIAMS, S.; ESLER, A.; GRZYBOWSKI, A.; HALL-LANDE, J.; NGUYEN, R. H. N.; PIERCE, K.; ZAHORODNY, W.; HUDSON, A.; HALLAS, L.; MANCILLA, K. C.; PATRICK, M.; SHENOUDA, J.; SIDWELL, K.; DIRIENZO, M.; GUTIERREZ, J.; SPIVEY, M. H.; LOPEZ, M.; PETTYGROVE, S.; SCHWENK, Y. D.; WHASHINGTON, A.; SHAW, K. A. Prevalence and Characteristics of Autism Spectrum Disorder Among Children Aged 8 Years — Autism and Developmental Disabilities Monitoring Network, 11 Sites, United States, 2020. **MMWR. Surveillance Summaries**, v. 72, n. 2, mar. 2023. Disponível em: https://www.cdc.gov/mmwr/volumes/72/ss/ss7202a1.htm. Acesso em: 17 abr. 2024.

SOUSA, V. F.; ABREU, M.F.; BUBADUÉ, R.M. Enfermagem no Cuidado de Crianças com Transtorno de Espectro Autista. **Revista de Divulgação Científica Sena Aires**, *[S. l.]*, v. 13, n. 2, p. 387–396, 2024. Disponível em: https://rdcsa.emnuvens.com.br/revista/article/view/148. Acesso em: 1 ago. 2024

SOELTL, S. B.; FERNANDES, I. C.; CAMILO, S. O. O conhecimento da equipe de enfermagem acerca dos transtornos autísticos em crianças à luz da teoria do cuidado humano. **ABCS Health Sciences**, v. 46, p. 1-7, 2021. DOI: https://doi.org/10.7322/abcshs.2019101.1360. Disponível em:https://docs.bvsalud.org/biblioref/2021/04/1152233/abcs46e021206pt.pdf. Acesso em: 11 abr. 2024.